



Espelho, espelho meu...

Espejito, espejito...

Mirror, Mirror...

Regina Lara

*PPG em Educação, Arte e História da Cultura
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil,
reginalara.arte@gmail.com*

Resumo

O ensaio apresenta fotografias de viagem que capturam imagens refletidas num pequeno espelho convexo, convergindo a paisagem e os objetos do entorno plasticamente deformados. O espelho permite que o reflexo da paisagem fixado em imagem circular seja inserido no enquadramento da fotografia, tornando visível o olhar inusitado, revelando-se um dispositivo apropriado à curadoria imagética. A familiaridade com o vidro e as reflexões sobre o percurso em diferentes cidades são expostas, como imagens e pensamentos que se acompanham, aqui registrados.

Palavras-Chave: curadoria imagética; fotografia; dispositivo; espelho; viajante;

Resumen

El ensayo presenta fotografías de viaje que capturan imágenes reflejadas en un pequeño espejo convexo, convergiendo el paisaje y los objetos del entorno plasticamente deformados. El espejo permite que el reflejo del paisaje fijado en imagen circular sea insertado en el encuadramiento de la fotografía, haciendo visible la mirada inusitada, revelándose un dispositivo apropiado a la curaduría imagética. La familiaridad con el vidrio y las reflexiones sobre el recorrido en diferentes ciudades son expuestas, como imágenes y pensamientos que se acompañan, aquí registrados.

Palavras-Clave: curaduría de imágenes; fotografía; dispositivo; espejo; viajero;

Abstract

The essay features travel photographs that capture images reflected in a small convex mirror, converging the landscape and plastic objects deformed plastically. The mirror allows the reflection of the landscape fixed in a circular image to be inserted in the frame of the photograph, making the unusual look visible, proving to be a device suitable for image curation. Familiarity with glass and reflections on the route in different cities are exposed, as images and thoughts that accompany, recorded here.

Keywords: image curation; photography; device; mirror; traveler;

Há tempos o espelho vem exercendo seu fascínio misterioso, confundindo e clarificando nossa visualidade. Alguns surgem de repente, espontâneos como poças d'água depois da chuva, capturando nossa imagem tremulante no meio do caminho. Outros são lâminas de vidro transparente com a superfície de um dos lados coberto por uma camada de metais prateados, perseveram a imagem daquele que se admira sem oferecer, no entanto, a certeza do reconhecimento.

Se no princípio eram planos e um pouco foscos, foram sendo aperfeiçoados com polimentos e novos formatos, ampliando muito a visualidade reflexiva. O avanço do conhecimento no campo da ótica suscitou a criação de lentes de aumento, côncavas ou convexas, tornadas cada vez mais transparentes graças à química de fundição da massa vítrea. Um espelho levemente arredondado é capaz de mostrar mais do cenário no entorno, numa imagem que sintetiza os elementos visíveis num campo amplo, sendo capaz de destacar visões inusitadas, esgarçando os limites do reconhecimento e confundindo identidades.

Presente nas artes visuais, na mitologia de Narciso, na madrasta má da Branca de Neve ou no sorriso sedutor do gato de Alice, o uso do espelho o transformou em dispositivo do olhar, do ver o que não se pode ver a olho nu, diretamente. Instrumentos de reconhecimento, imperam como a mais simples possibilidade de conhecermos nosso rosto em tempo real, ou partes do corpo inatingíveis pelas tentativas do olhar. Em ambiente interno ampliam magicamente o espaço, misturando as fronteiras do real e do intangível revelado nos reflexos. O que pode haver do lado de lá, do outro lado do espelho, inspirou histórias que misturam o dentro e fora em nós mesmos, o que se vê a frente e o que está por trás contidos na mesma imagem.

Brincar com o outro lado do espelho me acompanhou na infância e juventude, pois até os 20 anos morávamos num sobrado grande que tinha uma parede inteiramente forrada de espelhos, logo na sala de entrada. Um lugar central de passagem que tornava impossível descer a escada que levava ao térreo sem admirar-se no espelho, acompanhando cada degrau. No meu olhar de infância, o espelho imenso diluía os contornos da sala; na juventude percebi que o espelho sugeria, quase obrigava, aos que saíam do espaço íntimo no andar superior, recompor-se para ir à rua ou permanecer no social da casa. No natal nossa mãe comprava um spray de neve e pintava uma silhueta da árvore na parede de espelho, colávamos laços e bolinhas, colocando os presentes no chão bem em frente para que se avolumassem, pareciam dobrar em quantidade, entre reais e virtuais.

Sempre envolvida experimentalmente com vidros, em esculturas ou na tradição familiar do vitral, há algum tempo, por sugestão de um amigo, cultivo o hábito carregar pequenos espelhos convexos na bolsa, aguardando o momento propício para uma foto. Percorrer caminhos desconhecidos, passear levando um dispositivo capaz de mostrar o olhar impossível, colocado na paisagem em local onde o olho não alcança. Ao viajante é dado ver o que todos veem, sem a intimidade dos que vivem no local, num contemplar simples e livre. O espelho captura algo mais no reverso da paisagem, recorta e seleciona trazendo para frente o que não se vê, e como uma curadoria

imagética cria uma composição envolvente que acolhe o caminhante e o convida a atravessar.

Em viagem pela região de fronteira entre França, Bélgica e Holanda, no chão de pedra azul acinzentada que se confunde com o céu, o espelho revela a florada amarela, viva e presente. Um pouco mais adiante, delicadamente posado sobre folhas caídas no chão, o espelho estabelece a narrativa do ciclo natural da vida, numa árvore outonal se desnudando. Passear pela região traz à memória as cores, luzes e atmosfera características da pintura renascentista dos Países Baixos; nos parece que a qualquer momento encontraremos o casal Arnolfini, pintados por Jan Van Eyck, em 1434. Filhos de importantes mercadores italianos, são retratados em ambiente interno refinado com um espelho convexo que sugere ao olhar um jogo intrigante, cheio de significados a serem desvendados. Andar na cidade do Porto sobre pedras portuguesas, tão familiares, é chegar, é se reconhecer e sentir-se em casa. Nas cidades de Minas Gerais, Brasil, um brilhante e exclusivo céu paira sobre nosso patrimônio colonial, quase um sinal de resistência a nos lembrar o que não pode ser levado jamais, nosso azul tropical, límpido e reluzente. E o mar, é o mar, sempre imenso mar.



Figura 1: Sars-Poteries, Nord-Pas-De-Calais, França (2017).



Figura 2: Val Saint-Lambert, Nord-Pas-De-Calais, França (2017).



Figura 3: Porto, Portugal (2018).



Figura 4: Bruxelas, Bélgica (2017).



Figura 5: Congonhas do Campo, Minas Gerais, no Brasil (2018) .



Figura 6: Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil (2018).



Figura 7: Bruges, Bélgica (2017).



Figura 8: Camburi, São Paulo, Brasil (2018).